

O ENSINO RELIGIOSO DAS 1ª ÀS 4ª SÉRIES NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA JUDITE OLIVEIRA

SANTOS, Cilene Santana dos.
Graduanda do 6º período do Curso de Pedagogia da UNIT
cilene-bruna@ibest.com.br

SANTOS, Santana Karla Cristina
Graduanda do 6º período do Curso de Pedagogia da UNIT

NASCIMENTO, Ester Fragas Vilas-Bôas Carvalho do (Orientadora)
Doutora em Educação/PUC/SP
ester.fraga@uol.com.br

RESUMO

Este artigo investiga a disciplina Ensino Religioso das 1ª à 4ª series da Escola Estadual Professora Judite Oliveira, no ano de 2007. A razão pela qual nos levou a escolher esse tema parte do pressuposto de que uma das autoras deste trabalho leciona na instituição, e também se identifica com o Ensino Religioso. Esse objeto de estudo é relevante para os estudos da Educação de Sergipe por se tratar de uma área de estudo que apresenta várias polêmicas e algumas lacunas, então ao realizar esse trabalho objetivamos contribuir com mais uma bibliografia acerca da História do Ensino Religioso. Para nós, a escola trabalha no Ensino Religioso com uma proposta libertadora e não alienadora, visto que orienta seus alunos no sentido de formar cidadãos conscientes e respeitando a pluralidade cultural e religiosa na sala de aula. Para a realização deste trabalho fizemos um levantamento bibliográfico do tema através de sites especializados e de trabalhos que acadêmicos que versam sobre este tema. Realizamos uma entrevista com a professora da disciplina Ensino Religiosos e aplicamos questionários com os alunos das 1ª a 4ª séries da Escola Estadual Professora Judite Oliveira.

Palavras-chave: Ensino Religioso, História da Religião, Interdisciplinaridade, Escola Estadual Professora Judite Oliveira.

INTRODUÇÃO

A palavra Religião vem do latim *Religio* e significa atar, ou seja, religar para traz, ou ainda, religar. Com este estudo tentar-se-á definir o que seja religião, como um conjunto de conhecimentos e ritos mediante os quais o ser humano busca religar-se a o ser divino, ou é a soma dos esforços em busca do criador.

De acordo com a nova Lei nº 9.475/97 do Ensino Religioso, deve se fazer um ensino que respeite a pluralidade cultural e a diversidade religiosa inerente a maior parte de nossa população estudantil. Não é função de a escola educar na fé e nem fazer proselitismo, mas apresentar o transcendente, tal como é concebido nas mais variadas culturais e tradições religiosas.

Partindo dessa premissa, a Escola Estadual Professora Judite Oliveira atua na visão religiosa de maneira respeitosa e reverente para o domínio de cada culto e de cada doutrina, desencadeando no aluno um processo de conhecimento e vivencia de sua prática religiosa. Observa-se que vários fatores dificultam a prática deste ensino, tais como: falta de estratégia, de ensino adequado à orientação religiosa; falta de conteúdo adequado para a sala de aula; falta de motivação dos professores.; uso do credo religioso.

Acredita-se que seja necessário um trabalho de conscientização na diversidade das religiões, onde o transcendente é o Alfa e o Ômega, isto é, o princípio e o fim. O ensino vem trazendo discussões em redação ao fenômeno entre pesquisadores. Alguns autores que trabalham o Ensino Religioso buscam fundamentar-se em estudos transcendentais para elaborá-los em teorias e práticas.

O Ensino Religioso vem sendo trabalhado nas salas de aula com conotações de dogmas, estando assim, o processo de ensino aprendizagem arraigada na religião de quem ensina. Acredita-se que deve existir uma conotação para a formação do cidadão ético, com princípios morais e de conhecimento que conduz a Deus sem sentido de religião de alguém que professa.

Com este estudo, pretende-se analisar a prática pedagógica do professor do Ensino Religioso, enfatizando sua função de agente construtor de um novo cidadão em busca do transcendente através de cada indivíduo, vivendo o pluralismo religioso, onde o Ensino Religioso não é aula de religião e nem catequese. A sala de aula é o lugar onde os alunos precisam conviver com as diferenças. É importante que a religião do outro seja vista com respeito.

Objetivando contribuir substancialmente com os professores não só de religião, mas com todos aqueles que trabalham com educação fazendo com que os mesmos sejam mais tolerantes com a questão do respeito às diferenças, foi que resolvemos desenvolver um trabalho de análise a cerca do Ensino Religioso na Escola Estadual Professora Judite Oliveira.

A PLURALIDADE CULTURAL BRASILEIRA, A EDUCAÇÃO RELIGIOSA E A RELAÇÃO DO HOMEM COM O DIVINO

Na Idade Antiga e Média a religião era muito utilizada para explicar os acontecimentos do dia-a-dia. Veio a Modernidade e trouxe consigo um destaque para o pensamento científico que passa a ser agora priorizado. Mas, apesar da mudança de paradigma, o Homem sempre vem estabelecendo a sua preocupação com os aspectos divinos e surgem perguntas com: quem criou o Homem? Quem criou o Universo, foi a mesma pessoa

que criou o Homem? Como podemos explicar os fatos que aconteceram e acontecem no mundo que a ciência não consegue explicar?

Em várias sociedades desde as mais remotas até as atuais, existe no ser humano uma consciência natural que o impulsiona a se relacionar e a acreditar que existe um Ser Superior e partindo dessa premissa:

Na verdade, todas as pessoas têm um Deus, no sentido de que todas colocam alguma coisa em primeiro lugar na vida: dinheiro, poder, prestígio, o ego, a carreira, o amor, etc. temos alguma coisa em nossa vida que funciona com fonte, que dá sentido e força algo que consideramos, ao menos implicitamente, o poder supremo em nossa vida (KUCHENBECHER, 1998, p. 15).

A religião começa a fazer parte da vida do Homem quando este começa a se perguntar sobre sua origem e não consegue explicação plausível para a sua indagação em algo material, portanto se remete ao fenômeno religioso, que na visão de Kuchenbecker (1998) acaba influenciando no modo de pensar, agir, falar e ser de algumas pessoas.

Como no mundo existem vários povos, várias culturas, vários países, temos também uma enorme pluralidade religiosa que é fruto justamente das diversas formas de entender e perceber o mundo e conseqüentemente o próprio Homem, sendo assim é justamente a visão de homem e mundo das pessoas e culturas que definirá suas crenças costumes e religiosidade.

Essa pluralidade religiosa por vezes gera alguns conflitos inerentes à questão do respeito e o problema reside justamente nesse conceito. Por não respeitar a religião do outro que na maioria dos casos é diferente da sua, professores por vezes privam seus alunos de conceitos, como o da religião africana, por exemplo, e impõe o seu preconceito em relação a qualquer religião que não seja a sua ou que ele desaprove, e passa para os alunos uma visão deturpada e preconceituosa.

A escola é o local onde mais se devem respeitar as diferenças, sejam elas étnicas, de classe social e religiosa. O aluno tem o professor como um exemplo a ser seguido, logo, se o professor desenvolver atitudes preconceituosas o aluno vai com certeza imita-lo.

Apesar de alguns entraves, percebe-se que o estudo da religião avançou nas últimas décadas no Brasil, existindo uma maior preocupação em deixar cair por terra o preconceito e se admitir cada vez mais a pluralidade cultural, isto por que:

Há algumas razões para o despertar do interesse pelo fenômeno social-religioso, tanto por parte dos setores de Ciências Sociais e da História das Universidades, com dos que, sentindo curiosidade pelo fenômeno diante da ebulição religiosa que na verdade, teve início nos últimos 50 anos, dispuseram-se a pesquisá-lo nos parâmetros da disciplina acadêmica (RIVERA, 2001p-21)

Portanto, se a temática do fenômeno religioso já está ganhando espaço na Academia nada mais justo que o pedagogo tenha consciência do seu papel como educador e transformador contribuinte de uma sociedade mais justa, perceber a importância de se respeitar a diversidade cultural existente em sala de aula.

No contexto atual, deve ter claro as diferenças religiosas como uma das riquezas cultura brasileira. Cada um é livre para expressar a sua fé independente de qualquer que seja sua religião. Todos devem ser vistos como forma de expressão de um povo que cada vez mais busca viver essa experiência com o transcendente. Portanto, é tarefa do ensino religioso colaborar para que essa exista um maior respeito às tradições religiosas, já que essas formas criadas pelos seres humanos, a fim de terem um encontro pessoal e intransferível com o transcendente. Segundo Lyon (1998, p. 117) “a única esperança real por uma tolerância verdadeira está em descobrir o que ‘nós’ temos em comum e também em respeitar a diversidade”.

Presentes em todas as culturas, entre todos os povos, de todos os tempos, e assumindo diversas formas de devoção, doutrinas e princípios éticos, buscando o sentido da

vida e a transcendência em relação à morte, as religiões têm suas especificidades, mas têm também um patamar comum de moralidade e busca humana, onde é possível e urgente estabelecer um diálogo respeitoso e solidário. O reconhecimento de uma raiz comum, profundamente humana e, por isso mesmo, divina, é vital para que o diálogo se projete além de uma conversa cordialmente superficial, para se tornar uma vivência enriquecedora.

A partir dessas assertivas, pretendemos compreender como é trabalhado o ensino em sala de aula na Escola Estadual Professora Judite Oliveira para as crianças de 1ª a 4ª série, verificando os conteúdos que devem ser trabalhados na orientação dessas séries, elencando as dificuldades de trabalhar a disciplina Ensino Religioso em sala de aula.

A Escola Estadual Professora Judite Oliveira atua na visão religiosa, de maneira respeitosa e irreverente para o domínio de cada culto e de cada doutrina desencadeando no aluno um processo de conhecimento e vivência de sua prática religiosa. As crianças trabalham, sob as diferentes formas de religiosidade, dentro de seus respectivos contextos culturais e históricos.

Não se trata de “dar aula sobre” determinado conjunto de conteúdos, mas são trabalhadas idéias-chave essenciais aos mesmos, contextualizando-as a partir do convívio social dos alunos da 1ª a 4ª série do ensino fundamental da Escola Estadual Professora Judite Oliveira.

Para se obter um ensino religioso pautado nas novas perspectivas de diversidade cultural é necessário um planejamento comprometido com uma metodologia diferenciada, onde o professor agiria de maneira respeitosa e irreverente, através de situações do convívio social dos alunos da Escola Estadual Professora Judite Oliveira.

A compreensão do processo do Ensino Religioso para as crianças da 1ª a 4ª série da Escola Estadual Professora Judite Oliveira é de fundamental importância a formação

básica comum no período de maturação da criança. O ensino religioso passa para o aluno a idéia de transcendente (Deus), englobando os segmentos religiosos da comunidade escolar.

Dentre os inúmeros instrumentos de que dispõe a sociedade para alcançar tão elevado objetivo está a religião, pois somente quando se coloca a questão da transcendência, a que denomina Deus, encontra a comunidade humana e cada uma das pessoas individualmente, respostas às perguntas fundamentais que todos se colocam diante da vida (CATÃO, 1995, p. 92).

Segundo os Parâmetros Curriculares, “pela primeira vez, pessoas de várias tradições religiosas, enquanto educadores conseguiram encontrar o que há de comum numa proposta educacional que tem como objeto de estudo o transcendente” (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997). É certo alguns comemorem como uma grande conquista a sua aprovação em lei, porém ninguém pode negar a complexidade e seriedade desta questão.

Para Catão (1995, p. 63), “toda religião comporta uma ética e toda ética desemboca numa religião, na mesma medida em que a ética se orienta pelo sentido do transcendente da vida humana”. É necessário superar as errôneas e muitas vezes limitações de ética e propor uma ética da consciência e da liberdade em lugar da ética da lei e da obrigação. Na raiz da ética, como contempla o Ensino Religioso, está a busca da transcendência que dá sentido à vida, que proporciona a plena realização do ser humano.

Assim, conhecer o universo, delimitando as próprias crenças, em relação às crenças diferentes, admitindo que todas elas têm valor intrínseco, e procurar um diálogo saudável entre as diversas tradições pode fazer o homem situar-se no mundo de forma muito mais segura e fraterna. Saber que as respostas e os cultos da fé que integram a nossa identidade têm eco entre outras identidades religiosas pode aumentar a nossa própria fé e ao mesmo tempo nos fazer mais compreensivos e empáticos com a riqueza e a beleza das

religiões do planeta. É importante que o diálogo inter-religioso seja impulsionado pelo desejo de um melhor entendimento humano que contribua para uma melhor convivialidade humana. Mas também, “o encontro com o diferente pode apontar para a própria identidade e levar a perguntar justamente sobre o específico dela” (BERKENBROCK, 1996, p. 320).

O tema escolhido está relacionado com o desejo de contribuir e fazer brotar novos caminhos ou ainda aprimorar o já iniciado pelos responsáveis pela Educação Religiosa dos alunos deste milênio.

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O ESTUDO DO FENÔMENO DO CAMPO RELIGIOSO

Pierre Bourdieu (1982), que trabalha o conceito de Campo Religioso, enfatiza que a religião é semelhante a uma língua, ou seja, enquanto ela é um instrumento de comunicação, surge também como um mecanismo de conhecimento, como um veículo simbólico. O autor vai mais além afirmando que os sistemas simbólicos derivam de sua estrutura, o que é evidente no caso específico da religião, da aplicação sistemática de um único e mesmo princípio de divisão e portanto somente pode organizar o mundo natural e social recortando nele classes antagônicas. Conclui-se, portanto, que na religião existem funções sociais e, nessa perspectiva, os sistemas simbólicos, como a religião, a arte e a língua, são veículos de poder e de política.

Outros autores trabalham o conceito de religião estabelecendo algumas confluências com Bourdieu. Max Weber afirma que a religião cumpre uma função de conservação de ordem social contribuindo, nos termos de sua própria linguagem para legitimar a manutenção do poder dos dominantes.

Para nós, o Ensino Religioso não deve servir para alienar e, sim, para formar cidadão críticos conscientes do seu papel na sociedade. A religião é um mecanismo que pode ser trabalhado ideologicamente transfigurando as relações sociais e justificando a situação em que essa pessoa se encontram em virtude da sua eficácia simbólica.

O sociólogo Kuchenbecker (1998) utiliza três conceitos para definir a função da religião na sociedade: a religião em uma visão antropológica como sendo parte constitutiva da natureza humana; a religião como cultura, visto que pode ser reconhecida com um processo social de construção de concepções de Deus, pois enquanto fenômeno cultural a religião esta presente em todas as sociedades; e, por fim, o conceito de religião como ciência, por possuir um caráter investigados e questionador ao procurar responder as questões mais intrigantes do ser humano.

Segundo Gomes (2004), especialistas em estudos da Ciência da Religião, nos últimos 30 anos intensificaram a análise da religião como representação social, que é um fenômeno sociológico. Vários sociólogos se destinaram a esse estudo de caráter sociológico, criando um novo campo de estudo – o da Sociologia da Religião, trabalhando com as obras de Maus (1903), Durkheim (1912) e Bastide (1935), dentre outros.

O pioneiro a utilizar o termo das representações sociais foi Émile Durkheim em sua obra *Les formes élémentaires de l' vie religieuse*. Nessa obra, Durkheim tenta demonstrar que a idéia de religião é dissociada da idéia de comunidade religiosa, onde as crenças são sempre comuns a uma determinada coletividade. Segundo Durkheim o indivíduo abre mão às vezes de sua própria liberdade pessoal para aderir às práticas e ritos coletivos e solidários, cujo objetivo final é receber em troca certa organização da realidade da vida cotidiana.

Devemos pegar o exemplo do que acontecia nas civilizações da Antiguidade. Na Mesopotâmia, por exemplo, foi muito influenciada pela religião, tanto no dia-a-dia das pessoas quanto o desenvolvimento das ciências e das artes. Os povos mesopotâmicos eram

politeístas, ou seja, adoravam vários deuses. Eles acreditavam que os deuses moravam no céu, e que de lá estes decidiam os nascimentos e as mortes, se choveria ou não, quem venceria a guerra; enfim comandavam tudo o que acontecia no mundo e então a comunidade organizava suas práticas religiosas de acordo com a religião.

Já os egípcios eram politeístas também e os seus deuses poderiam adquirir forma humana ou de animais, ou misturar as características de ambas as formas. Cada cidade egípcia possuía sua própria divindade. Um deus só passava a ser adorado em todo o reino quando a cidade onde ele era reverenciado se tornava capital do império.

Como podemos perceber desde as mais remotas épocas da humanidade, o homem procura se relacionar com o divino, seja através de elementos da natureza ou até mesmo através da própria concepção de que existe algo divino no céu e que rege as nossas vidas.

Na concepção de Durkheim, uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, interditas, crenças e práticas que unem, numa mesma comunidade moral chamada igreja, todos os que se aderem a ela. Para ele, a idéia de religião é inseparável da idéia de Igreja, e faz-se presentir que a religião deve ser uma coisa eminentemente coletiva, o que fica explícito através dos exemplos que demos das civilizações da antiguidade. A religião seria a gênese da formação das representações sociais (KUCHENBECKER, 1998).

A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO NA FAMÍLIA

Família é um dos temas mais preocupantes que surgem na sociedade. Estamos vivendo crises avassaladoras e a maior de todas é a crise familiar, onde seu sucesso ou fracasso reflete-se na escola. Ela deve ser a base de desenvolvimento da criança e quando a família consegue passar para a criança os seus valores, passa também a sua religião seja a qual

for que for adepto os seus país, geralmente a criança segue a mesma religião portanto é possível afirmar que a religião faz parte da formação social do aluno.

Diante do mundo globalizado em que vivemos, acreditar na família torna-se para algumas pessoas algo utópico para outras, algo que pode ser real, apesar de desafiador, pois enfrentamos todos os dias obstáculos que podem ser encontrados no cotidiano, tais como à riqueza técnica e a pobreza moral. A primeira marca o mundo através de seus extraordinários avanços da ciência e da tecnologia, como os estudos sobre a clonagem, por exemplo. Na segunda observamos o desprezo dos valores morais.

Encontramos a família ladeada por esses obstáculos citados. A Educação tornou-se uma conquista, tarefa bem mais ampla do que imaginamos, pois, quando amamos alguém queremos o melhor para ele; com certeza, um mundo diferente deste que nós vemos. Então, para termos um ambiente harmonioso, temos de começar em casa, formando cidadãos conscientes, críticos, éticos e solidários.

Para obtermos uma construção familiar como queremos, precisamos nos deter em três pontos que servirão como alicerces para uma convivência familiar harmoniosa: o amor, o desenvolvimento das potencialidades positivas, ou seja, os valores morais, e, nadar contra a corrente da massificação.

Nessa perspectiva, o Ensino Religioso auxilia na formação de uma família harmoniosa e mais solidária. Este não deve abordar somente questões inerentes à religião. A Educação, neste mundo em que nos encontramos, é uma constante construção. Portanto, o ensino religioso deve trabalhar questões como a solidariedade, o amor, o respeito ao próximo e principalmente fazer com que o aluno tenha consciência do mundo em que vive e do que acontece à sua volta.

Durante a realização da pesquisa, verificamos que na Escola Estadual Professora Judite Oliveira procura-se trabalhar nessa perspectiva, ou seja, a de apresentar aos alunos as noções básicas de convívio com intuito de promover uma sociedade mais justa.

O ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL

Quando os portugueses aportaram em nossas terras encontraram além de um povo diferente, uma cultura distinta: A cultura indígena. A partir de então estabeleceu-se o contato e conseqüentemente o início da colonização que teve como objetivo primeiro a evangelização dos índios. Porém, ficou patente que as pretensões do colonizador português iam muito mais além do que meramente ensinar aos índios leigos a religião oficial de Portugal, o interesse econômico era a premissa básica no que concerne à catequização indígena. Os portugueses somente preocuparam-se com a evangelização quando “perceberam que os índios se opuseram a trabalhar em benefício deles. No desenrolar da História, no que se refere a educação, pode-se confirmar isso. A instrução para todos os escravos era somente a catequese” (FERNANDES, 2000, p. 20).

Para os portugueses, a melhor forma de convencer os índios a aceitarem o trabalho árduo era convencê-los pela palavra, modificar sua mentalidade, visto que na cultura indígena há uma divisão de tarefas entre homens e mulheres e eles trabalhavam em prol de sua própria subsistência e não para satisfazer os anseios do branco colonizador. Portanto, a missão era essencial, pois fazia com que os índios acreditassem que deviam abandonar sua vida na tribo, que consistia em uma vida de condenação e pecado permanente.

Apesar da separação entre o Estado e a Igreja, o debate acerca do ensino religioso hospedou várias discussões na história da Educação brasileira. Em 1934, a constituição brasileira em seu Artigo 153 determinava que o ensino religioso seria “de freqüência

facultativa e ministrado de acordo com os princípios de confissão religiosa do aluno, manifestada pelos pais responsáveis, e constituirá a matéria dos horários e normas” (CNBB, 1984, p. 46).

É necessário enfatizar que essa aprovação constitucional não cessou os debates. Segundo FERNANDES (2000), o ensino religioso foi contemplado nas constituições de 1937, 1946 e 1967. A Emenda Constitucional, nº. 01 de 1969, determinava que “O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais da escolas oficiais de grau primário e médio. Em 1971, foi instituída a Lei 5.692 que determinava que “O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais dos estabelecimentos oficiais de 1º e 2º graus”.

Dessa forma, conclui-se que a partir de 1971 houve uma abertura maior com essa lei e essa situação perduraria até 1987, quando foi redigida nova constituição que, antes de ser promulgada, em 1988, o debate acerca do ensino religioso já estava em pauta: “ao aproximar-se o tempo de redigir a nova Constituição Brasileira em 1987, ocorreu um debate sobre ensino religioso no qual se ouviu a opinião de alguns educadores que eram contrários a sua aplicabilidade nas escolas públicas salientando várias dificuldades (...)” (FERNANDES, 2000, p. 23).

Isto porque, na concepção dos referidos educadores, o cerne da questão estava no receio de haver privilégios de um credo em detrimento de outros, como também, de que o ensino religioso fosse adotado como disciplina do currículo do Ensino Fundamental, diminuindo o tempo de outras disciplinas básicas, como o Português e a Matemática.

Mas, apesar dessas questões, o ensino religioso alcançou sua permanência com a Constituição Brasileira de 1988. “O ensino religioso de matrícula facultativa constituirá disciplinas dos horários das escolas públicas de ensino fundamental” (CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA, 1988, Art. 210, Parágrafo 1º).

A religiosidade e a necessidade do ensino religioso é importante, mesmo para aquelas pessoas que não seguem uma religião específica, mas interrogam a respeito de sua existência e conseqüentemente, procuram uma resposta sobre o sentido da vida, dentre outras coisas. E aqueles que seguem uma religião procuram obter respostas a essas mesmas questões na religião. Portanto, a religião tem uma finalidade primordial na vida das pessoas:

Tentar orientá-la para o sobrenatural, liga-la novamente com o sobrenatural, pois se sabe que desde o principio o homem desviou-se da meta, ou seja, não aceitou a sua condição de criatura e quis se identificar com o criador, ou melhor, quis ser igual, sobretudo no poder. Por esse motivo, deu-se o rompimento do homem com o criador. E hoje, quantos seres humanos romperam o elo de paternidade com Deus, muito consciente e outros inconscientemente (FERNANDES, 2000, p. 30-31).

Porém, o ensino religioso deve ser orientado numa ação libertadora e conscientizadora e não alienante. A escola, como detentora do mecanismo do ensino religioso, não deve ministrá-lo em forma de catequese, mas, sim, tentar formar cidadãos capazes de promover uma ação transformadora, conviver com o pluralismo, procurando trabalhar sempre com a interdisciplinaridade e “ajudar as pessoas a se transcenderem, a superarem as superficialidades, alienações a encontrarem o sentido profundo e radical de suas existências” (FERNANDES, 2000, p. 22).

Imbuídos de elementos suficientes utilizaremos esses conceitos na análise do Ensino Religioso na Escola Estadual Professora Judite Oliveira, das 1º a 4º séries, do turno da manhã.

O ENSINO RELIGIOSO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA JUDITE OLIVEIRA

Partindo da assertiva de que “a escola estatal, com já foi explicitado é pluralista por definição é aberta a todos com igualdade de direitos e deveres” (FERNANDES, 2000, p. 46), é importante ter em vista que o Ensino Religioso não pode simplesmente identificar-se com a catequese ou trabalhar enfaticamente os textos da Bíblia, pois caso isso ocorresse, como ficaria a situação dos educandos que não são católicos, ou de orientação não religiosa?

Essa é uma preocupação pertinente em se tratando do trabalho desenvolvido na Escola Estadual Professora Judite Oliveira que distingue-se da catequese e não tem somente o objetivo de ensinar somente a religião oficial do país, mas, sim, inserir o ensino religioso nos objetivos e critérios da estrutura escolar.

A Escola Estadual Professora Judite Oliveira recebeu esse nome objetivando prestar uma homenagem a uma professora alagoana que contribuiu substancialmente para a História da Educação de Sergipe. Judite Rocha Oliveira nasceu em Alagoas onde residiu até sua infância e adolescência. Sua família se mudou para Sergipe e, em 1938, casou-se com o professor Benedito Alves de Oliveira que, além de Diretor do Grupo Escolar General Valadão, da rede pública, fundou com sua esposa o Colégio Jackson de Figueiredo.

Como Diretora deste colégio, cumpriu sua missão com grande sabedoria e competência. O lema do Colégio consistia em “Instruir e Educar”, desenvolvendo um trabalho sério e competente, além de árduo, pois, havia também internato masculino, para onde fluíam alunos de Sergipe e de outros Estados em virtude do renome e do padrão de ensino ali ministrado. O Colégio Jackson de Figueiredo participava de solenidades cívicas, destacando-se o desfile de 7 de setembro, os jogos da primavera e de outros movimentos culturais.

Judite Rocha Oliveira desenvolveu três profissões ao longo de sua vida: jornalista, na qual escreveu crônica e mensagens para o Correio Colegial, órgão oficial do Colégio Jackson de Figueiredo; administradora: e, professora, auxiliando na fundação do referido Colégio. Em 1978, recebeu o Diploma de Consagração conferido pela Empresa Brasileira de

Pesquisa das Atividades Sociais. Recebeu Medalha Cultural Joaquim Inácio Barbosa, no dia 17 de março, por ocasião dos 123 anos da mudança da Capital, no Governo de João Alves Filho e recebeu também placa de Independência conferida pela Secretaria de Estado da Educação.

O ensino religioso na Escola Estadual Professora Judite Oliveira é desenvolvido pautado uma perspectiva pluralista trabalhando com temas transversais, objetivando formar cidadãos conscientes e passando os valores e trabalhando temas transversais como pluralidade étnica cultural. A professora responsável pelo Ensino Religioso, Maria Heloisa Alves Santos Santana, é graduada em Pedagogia pela Faculdade Pio X, é especialista em Gestão Escolar, tem 21 anos de magistério sendo que há 10 anos ministra a disciplina Ensino Religioso e atua nas 1ª as 4ª séries.

Os dados coletados mediante a entrevista realizada com a professora demonstram que ela identifica-se com o tema. Quando foi perguntada a respeito do que vem a ser religião, afirmou ser:

É uma coisa maravilhosa, sabendo distinguir que realmente só um salva – Deus. A religião é uma complementação não ligados apenas aos dogmas da religião católica, que sempre prevaleceu no Ensino Religioso, mas em termos mais abrangentes que tem haver com a formação do cidadão relacionada a vivencia do aluno (SANTANA, 2007).

Partindo dessas assertivas, percebemos que a intenção do Ensino Religioso na Escola Estadual Professora Judite Oliveira é formar cidadãos conscientes do seu papel no convívio social objetivando formar uma sociedade mais justa, coibir as más intenções e a violência, o desrespeito com o próximo e principalmente respeitar às diferenças.

A professora trabalha realizando a leitura de trechos das autoras que desenvolvem trabalhos acerca do ensino religioso, como Amélia Schneiders e Amélia Correa. Dentre os livros que compõe o seu programa estão *Caminhando para Cristo*, e livros de auto-ajuda, a

exemplo de *Como Conviver com os Desafios* e temas transversais da atualidade como, por exemplo, o preconceito racial.

Também foi perguntado à professora se ela procura direcionar a religião em algum conteúdo, ou discorre sobre conceitos básicos em suas aulas e sua resposta foi a seguinte:

O ensino religioso hoje tem uma visão diferenciada em todos os aspectos, hoje trabalhamos, com temas atuais e com diversidade de métodos, vídeos, revista, debates e notícias de jornais, assuntos trazidos pelos alunos sobre determinado tema pré-estabelecidos anteriormente. Os temas são estabelecidos nos PCN'S: Afetividade, drogas, família, sexualidade, trabalho etc (SANTANA, 2007).

No que concerne à prática religiosa convém frisar que não existe avaliação, não sendo somativa nas notas dos alunos e é procedida de maneira clara, livre e com muito conhecimento de causa com os assuntos trabalhados em sala de aula buscando sempre mostrar aos alunos as coisas existentes no nosso meio social. Todos os temas trabalhados em sala de aula estão de acordo com as orientações dos PCN's sejam eles vida, natureza, afetividade, respeito ao próximo, família, sexualidade, fraternidade.

Como o catolicismo foi a religião oficial do Brasil durante séculos, exercendo grande influência na Educação, precisamos entender quais os parâmetros utilizados atualmente na realização do Ensino Religioso. A esse respeito, perguntamos à professora se na teoria e prática havia consideração na questão do respeito as outras religiões:

Na teoria conforme planejamento deve-se respeitar todas as religiões, sempre ensinando que não se deve criticar as outras religiões. Porém na prática educativa ainda prevalece os elementos da Igreja Católica por ser a religião oficial do país. Por isso não se é trabalhado textos, músicas, de outras religiões até mesmo pelo fato da professora ser católica, pelo fato do desconhecimento de outras religiões. Com certeza, a disciplina ajuda bastante o cidadão a se desenvolver no sentido de não alienar, a seguir uma única religião. Hoje a Educação tem mais respeito com as outras religiões. O país antigamente só era trabalhada nas escolas públicas a religião católica, sem se importar com as diferenças existentes ali. Hoje, aqui na escola, procuramos sempre fazer o oposto (SANTANA, 2007).

Elencado os parâmetros do Ensino Religioso, segundo o depoimento da professora, analisaremos as respostas dos alunos obtidas através de um questionário. É necessário ressaltar que construímos um quadro para sistematizar alguns dados, visto que nas 1ª e 2ª séries as questões foram objetivas. Já nas 3ª e 4ª séries foram feitas perguntas objetivas e subjetivas, pois os alunos das séries mais adiantadas possuem um maior domínio da leitura e da escrita.

Quanto à religião adotada pelos alunos, os dados demonstram que a maioria pratica o catolicismo.

QUADRO I – RELIGIÃO ADOTADA PELOS ALUNOS

RELIGIÃO	SÉRIE			
	1ª	2ª	3ª	4ª
Católica	7	12	15	21
Religiões Africanas	-	-	-	-
Evangélica	4	7	-	-
Espírita	-	-	-	-
Outras	1	-	-	-
Não tem religião	1	2	-	-

Fonte: Questionários aplicados aos alunos das 1ª a 4ª séries da Escola Estadual Professora Judite Oliveira, 2007.

Através dessas respostas podemos perceber a importância da Educação Religiosa na escola. Em um país predominantemente católico, ensinar religião não é tarefa fácil, visto que as pessoas estão muito descrentes. Mas, se o trabalho for desenvolvido com algumas sugestões apontadas nesse trabalho, também estaremos contribuindo para a construção de uma sociedade mais igualitária.

A totalidade dos alunos das 1ª e 2ª séries, além de possuir uma religião, reiterou a importância da presença da disciplina no currículo afirmando gostar dos temas discutidos em sala de aula.

QUADRO II – OPINIÃO DOS ALUNOS DAS 1ª E 2ª SÉRIES ACERCA DO ENSINO RELIGIOSO

PERGUNTA	SÉRIES			
	1ª A	1ª B	2ª A	2ª B
	SIM	NÃO	SIM	NÃO
Você gosta da disciplina Ensino Religioso?	13	-	21	-
Você acha importante o respeito a todas as religiões?	13	-	21	-
Você tem alguma religião?	13	-	21	-
Para você, o Ensino Religioso é importante na Escola?	13	-	21	-

Fonte: Questionários aplicados aos alunos das 1ª a 4ª séries da Escola Estadual Professora Judite Oliveira, 2007.

Dentre as perguntas feitas aos alunos das 1ª e 2ª séries, procurou-se saber se os temas tratados durante a disciplina Ensino Religioso eram interessantes para os alunos e, 85% deles respondeu que sim. Já, quando responderam a respeito da importância do Ensino Religioso na escola, a maioria destacou por que se aprende muito sobre o que ainda não se sabe, por que estamos aprendendo a ser pessoas mais justas, a religião nos auxilia no ler e escrever etc.

QUADRO III – PREFERÊNCIA DOS ALUNOS DAS 3ª E 4ª SÉRIES SOBRE OS TEMAS TRABALHADOS NAS AULAS DE ENSINO RELIGIOSO

TEMAS	SÉRIES		TOTAL
	3ª	4ª	
Amor	-	15	15
Paz	-	03	03
Fraternidade	02	09	11
Passagens da Bíblia	01	06	07
Sexualidade	13	08	21
Drogas	10	04	14
Família	12	06	18
Preservação do Meio Ambiente	02	03	05
Violência	-	01	01

Fonte: Questionários aplicados aos alunos das 1ª a 4ª séries da Escola Estadual Professora Judite Oliveira, 2007.

Como pode-se perceber, a maioria dos alunos demonstra preferência por temas polêmicos e pertinentes à sua faixa etária, como a sexualidade, a família, o amor e as drogas. Alguns dados que chamam a atenção, como a falta de interesse dos alunos da 3ª série em discutir a questão da violência, da paz e do amor. Uma posterior pesquisa poderia verificar esse fenômeno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Kuchenbecker (1998), todas as pessoas têm um Deus, pois sempre colocam alguma coisa em primeiro plano na vida que dá sentido e força à sua existência sendo, assim, um poder supremo. Portanto, a religião faz parte da humanidade dos tempos mais remotos até os dias atuais, sendo “um fenômeno universal e social. O Homem é religioso por natureza. Faz parte de sua existência”.

Sendo assim, ninguém pode ser forçado ou coagido a abraçar, nem a abandonar, uma modalidade específica de religiosidade, por quaisquer motivos. Inclusive, o direito de não ter religião deve ser igualmente respeitado. Isso porque se alguém é livre para pensar, é livre também, no plano da consciência, a recusar a afiliação a esta ou aquela doutrina religiosa. No entanto, o homem sente necessidade de uma relação mais íntima com o sagrado, afim de que possa contemplá-lo num mundo de preconceito, onde os valores foram quase todos destruídos por falta de respeito e amor ao próximo.

A Lei de Diretrizes e Bases Nacionais traz esse novo paradigma com uma visão mais ampla e pluralista, procurando conduzir o alunado pelo caminho que o homem precisa para chegar à plenitude e assim conduzirá o seu irmão que necessita de luz para clarear a sua vida e sua relação íntima com o transcendente.

O que podemos verificar com esta pesquisa foi que a disciplina Ensino Religioso ministrado na Escola Estadual Professora Judite Oliveira trabalha em uma perspectiva

conscientizadora, auxiliando o aluno a formar sua opinião, não seguindo somente os preceitos do catolicismo, religião da maioria dos brasileiros, utilizando uma forma mais interdisciplinar e pluralista de se trabalhar a religião na sala de aula.

REFERÊNCIAS

BERKENBROCK, Volney J. “A atitude franciscana no diálogo inter-religioso”. In: MOREIRA, Alberto da Silva (org.). **Herança franciscana**. Petrópolis: Vozes, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.

MOREIRA, Alberto da Silva (org.). **Herança franciscana**. Petrópolis: Vozes, 1996.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ética. Brasília: MEC, 1997.

CARAN, Lourdes (org.). **O ensino religioso na LDB**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CATÃO, Francisco. **O Fenomeno Religioso**. São Paulo: Letras & Letras, 1995.

CNBB, **Conclusões de Medellín, sobre educação**. Paulus, São Paulo, 1984.

FERNANDES, Maria Madalena. **Afinal o que é ensino religioso? sua própria identidade com a catequese**. São Paulo: Paulus, 2000.

KUCHENBECKER, Valter (coord). **O homem e o sagrado**. A religiosidade através dos tempos. 5ª ed. Canoas: Ed. da ULBRA, 1998.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. “As representações sociais e o estudo do fenômeno do campo religioso”. In: **Revista Ciências da Religião. História e Sociedade**. Ano 2, nº 2, São Paulo: Universidade Editora Mackenzie, 2004, p. 35-60.

LIMA, Severina Alves de (Irmã). **Caminhos novos na educação**. São Paulo: FTD, 1995.

LYON, David. **Pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 1998.

Revista Nova Escola. **Ensinar assim é outra história**. São Paulo: Abril Cultural, 2003.

RIVERA, Paulo Bezerra. **Tradição, transmissão e emoção religiosa**. Sociologia do protestantismo contemporâneo na América Latina. São Paulo: Editora Olho D'Água, 2001.

ENTREVISTAS

SANTANA, Maria Heloísa Alves Santos. Entrevista concedida às autoras em 10 de maio de 2007.